



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**LUCAS DE LIMA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DA OBSERVAÇÃO NO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA**

**CAMPINA GRANDE - PB  
AGOSTO, 2017**

**LUCAS DE LIMA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DA OBSERVAÇÃO NO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, como para obtenção do título de professor licenciado em História.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Me. José Emerson Tavares de Macêdo

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L856i Silva, Lucas de Lima

A importância do processo da observação no estágio supervisionado para a formação do professor de história [manuscrito] / Lucas de Lima Silva. - 2017.  
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.  
"Orientação: Prof. Me. Jose Emerson Tavares de Macêdo, Departamento de História".

1. Práticas de ensino 2. Estágio supervisionado 3.  
Consciência histórica I. Título.

21. ed. CDD 371.3

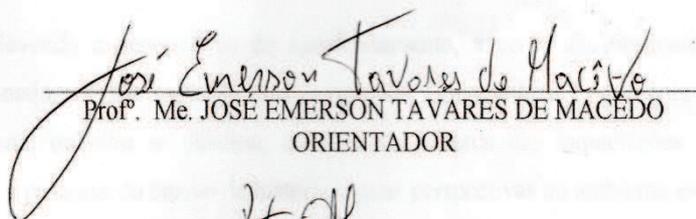
A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DA OBSERVAÇÃO NO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

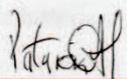
**A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DA OBSERVAÇÃO NO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA**

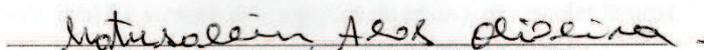
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Departamento de História da Universidade  
Estadual da Paraíba, como para obtenção do  
título de professor licenciado em História.

Aprovado em: 11/08/2017

Banca Examinadora:

  
Prof.º Me. JOSÉ EMERSON TAVARES DE MACEDO  
ORIENTADOR

  
Prof.º Dr.ª PATRÍCIA CRISTINA DE ARAGÃO ARAÚJO  
EXAMINADORA

  
Prof.º Dr. MATUSALÉM ALVES DE OLIVEIRA  
EXAMINADOR

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>1. A PRÁTICA DO ENSINO NAS OBSERVAÇÕES DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....</b>	<b>6</b>
1.1 Diferentes concepções.....	6
1.2 A formação inicial e contínua dos professores no ensino de história.....	9
<b>2. O ESTÁGIO COMO EXPERIÊNCIA PESSOAL E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIA PARA O FUTURO PROFESSOR DE HISTÓRIA.....</b>	<b>11</b>
2.1 A experiência pessoal diante do estágio.....	11
2.1.1 Objetivos do estágio na academia.....	11
2.1.2 O alcance dos objetivos do estágio e o impacto da disposição pessoal.....	12
2.2 O professor e a construção de competências, na iniciação profissional dos estagiários...	14
<b>3. A FORMAÇÃO HISTÓRICA, OS EFEITOS DE SENTIDO E A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.....</b>	<b>16</b>
3.1 Tendências históricas para a formação docente.....	16
3.2 Efeitos de sentido e narrativas, no estágio supervisionado.....	17
3.3 Estágio supervisionado e a consciência histórica.....	18
3.3.1 Para que ensinar história?.....	19
3.3.2 Observação dos conteúdos a partir do Estágio Supervisionado.....	21
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DA OBSERVAÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

SILVA, Lucas de Lima<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir o processo da observação/ prática de ensino no estágio supervisionado do curso de História. Dessa forma trazemos para essa discussão reflexões acerca da prática do docente, além de uma reflexão acerca da construção de competência para o profissional de história que está em seu processo de formação, discutindo e analisando os efeitos de sentido e a consciência histórica. Essas questões nos fazem refletir enquanto futuros educadores, a fim de buscar melhorias para o ensino de história, com novas metodologias, que lhes dão suporte para a prática do ensino em questão, considerando os ensejos concernentes à consciência histórica, às suas vidas e dos seus futuros alunos. Este estudo é balizado de autores como: Bocchese (2010), Cerri (2011), Lima (2008), Pesavento (2003), Pimenta (2004), Silva (2015), Zabalza (2014), entre outros. Dessa forma, a nossa proposta metodológica é de um estudo bibliográfico acerca do referido tema, analisando e discutindo a prática docente do professor de história, durante a observação do estágio supervisionado no curso de história.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Observação. Experiência e competência. Consciência Histórica.

### INTRODUÇÃO

Havendo a necessidade de aprofundamento acerca das observações do estágio supervisionado, na instituição de ensino superior Universidade Estadual da Paraíba UEPB, este trabalho se deleitou em discutir acerca das inquietações dessa temática, vinculado à pesquisa do ensino de história e suas perspectivas no ambiente escolar. Para isso, foi necessário em outros períodos fazer um relatório de estágio, considerando a importância das observações e os processos pelos quais os estagiários estão sempre buscando. E, diga-se de passagem, este tipo de pesquisa é muito importante também para se perceber *a priori* qual é o sentido para a prática do ensino nas escolas básicas.

Diante dessas concepções, lembremos que os profissionais da educação necessitam estar em constante reflexão acerca da sua prática enquanto educador, pois é necessário se policiar quanto a maneira que ensinamos. Para tanto, o professor que deseja tornar-se mestre da educação deve manter essa preocupação, a princípio com a teoria, pois é por ela que todos

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: lucassilva.historia@gmail.com

já formados ou não devem estar embasados, para que, então, a prática seja exercitada nas escolas. É neste sentido que a prática torna-se envolvida, para ser também reproduzida. Ela deve estar em conjunto com a teoria.

Neste ensejo, este trabalho tem como objetivo principal discutir sobre a prática do ensino nas observações de estágio supervisionado no curso de História e que nele há diferentes concepções, tais concepções são importantes para dar suporte aos estudantes universitários, já que este é um trabalho voltado para o ensino do mesmo e sua aprendizagem em sala de aula. Observamos, também, que através da prática há possibilidades de se criar metodologias próprias com o objetivo de ensinar, vinculada a uma didática instrumental.

Outro aspecto bastante importante desse trabalho diz respeito ao entendimento da formação inicial e contínua dos professores, que neste momento os estagiários não podem exercer a profissão, mas podem ganhar espaço para compreender o sistema político educacional, eles também passam por várias dificuldades devido aos hábitos criados no tempo das observações.

Desse modo, esse trabalho foi fruto de inquietações perpassadas ao longo do estágio docência, que no primeiro momento nos propomos a observar a prática do professor de história em sala de aula, bem como o comportamento dos discentes, além de avaliar e analisar as estruturas físicas e educacionais da escola.

O campo de pesquisa também passou pelas indagações que dizem respeito ao período de experiência pessoal e a construção de competências, que é deveras crucial para os estudantes, pelo qual passam a se sentirem professores, pois também o estágio passa a ter objetivos importantíssimos na academia, se diferenciando das aulas nas universidades, da leitura dos textos e da pressão de avaliações. Estes objetivos são alcançados, quando os mesmos, estando em dificuldades, devem sempre estar reajustando suas atividades, algo que é muito interessante para quem quer um dia se formar enquanto educador. É preciso abordar sobre a construção de competência, é neste aspecto que se deve efetivar a teoria, para que se veja realmente tudo que se aprendeu na academia venha a ser posto em prática.

Outro ponto a ser discutido nesse trabalho diz respeito à formação do professor, os conceitos de efeitos de sentido e a consciência histórica. Para isso foi preciso observar também as tendências históricas para formação docente, levando em consideração as mudanças no tocante ao ensino de história; entendendo também o conhecimento histórico na vida das pessoas; observando como o ensino de história esteve, ou está se comportando no Brasil e no mundo; vendo que o conceito de sentido se relaciona muito com o aspecto da narrativa.

Um ponto imprescindível para a pesquisa no estágio supervisionado perpassa pelo campo teórico da consciência histórica, desde o momento do aprendizado na universidade, até a chegada à sala de aula, observada também pelo estagiário que percebe esta formação de acordo com a formação da cidadania de maneira pessoal, ligando também ao coletivo, a questão da memória, vinda desde o século XIX até os nossos dias atuais, ainda mais ao cognitivo, ao saber e fazer da aprendizagem do aluno.

A nossa proposta metodológica é realizar a pesquisa bibliográfica acerca do referido tema, o qual desenvolvemos durante a observação do estágio supervisionado no curso de história. Desse modo, o presente trabalho está organizado em três tópicos para evidenciar os questionamentos acerca da importância do caráter da observação dentro do estágio supervisionado no curso de História, dos quais são: A prática do ensino nas observações do estágio supervisionado; o estágio como experiência pessoal e o processo de construção de competências para o futuro professor e a formação histórica, os efeitos de sentido e a consciência histórica.

## **1. A PRÁTICA DO ENSINO NAS OBSERVAÇÕES DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

### **1.1 Diferentes concepções**

É necessário, portanto, que o ensino de História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina conscientizem-se de sua responsabilidade social perante os alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e (...) a melhorar o mundo em que vivem (PINSKY; PINSKY, 2009, p. 20).

Parte importante dentro do ensino de história para a nossa sociedade é o fato do professor estar sempre preocupado com o ensino, com o conhecimento histórico e com o aprendizado dos seus alunos. Isso também acaba passando pelos ensejos do estágio supervisionado e suas observações, em que sempre há um embate entre questões teóricas e práticas, ou seja, observamos então que o estágio acaba tendo diferentes concepções ao longo de sua jornada.

O estágio é considerado como prática, em contrapartida com a teoria, no entanto, a teoria torna-se ponto importante para as observações e acaba se estabelecendo como disciplina isolada, há então uma separação entre teoria e prática de ensino, algo que não é

diferente para o ensino de História, desvinculando-se também das atuações profissionais do professor, passa, portanto, a não considerar os conteúdos, objetivos e metodologias desenvolvidas, se ouve então, “que o estágio tem de ser teórico-prático, ou seja, que a teoria é indissociável à prática (...), para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa” (PIMENTA, 2004, p. 34). Com isso, o fato de o estágio ser também um campo de pesquisa, é de extrema importância, em relação à formação dos professores de história.

Pode-se dizer também que a prática acaba se tornando uma imitação de modelos, sendo, portanto, um exercício para toda e qualquer profissão. Isso acontece em relação ao ensino, porque o mestre só vai aprender através da reprodução. Essa prática ainda tem sido denominada de artesanal, ou tradicional. O professor hoje em dia possui a sua própria metodologia de ensino, dentro de uma concepção de imutabilidade. Dentro dessa ideia, podemos dizer que o estágio se limita a observar o professor em sala de aula, sem poder analisar todo o contexto da escola, fazendo com que haja uma desvalorização da formação do docente, que é muito importante e ainda reduz sua atividade gerando muito conformismo.

Diante das observações dos estágios supervisionados, podemos entender que é bastante perigoso o fato da prática ser instrumentalização técnica, neste caso, as habilidades do professor tornam-se insuficientes e ele não tem como dar conta do conhecimento técnico científico, ocasionando o isolamento da teoria e da prática, fazendo com que a atividade do estágio fique reduzida à hora da prática, resumindo somente as fichas de observação, por isso a importância dos cursos, nas oficinas pedagógicas, mas essas atividades não compreendem o processo de ensinar como um todo, é necessário algo mais amplo em que o professor possa criar mais técnicas e desenvolvê-las, visto que a necessidade de novas técnicas e metodologias é de grande importância e devem ser implantadas, sem se distanciar das escolas, dando também mais sentido aos conteúdos.

A propósito, a didática instrumental também gera ilusão, formando uma situação igual a das escolas de ensino básico, apontando falhas e gerando críticas, e ainda, rotulando-as de tradicionais, isso acarretou em vários conflitos entre ambas as instituições de ensino.

O que podemos entender em relação à teoria e à prática as quais são um problema para a formação do professor? Em primeiro lugar, “A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de explicitar por que o estágio é teórico e prático” (PIMENTA, 2004, p.41). Então fica claro que os dois devem estar sempre num mesmo campo do conhecimento, imbricado, no conceito de ação docente, do qual a profissão é uma prática social em sua realidade e ao mesmo tempo ativa. Esta ação pedagógica acaba se referindo a objetivos, finalidades e meios, pelos quais há

uma efetivação do ensino e da aprendizagem, do professor e do aluno, que recebe o conhecimento; cabe ao professor levar para o resto de sua vida o conteúdo de História, fato esse que faz todo e qualquer professor de história ficar satisfeito. Nesse sentido, é importante salientar sobre o papel da extrema necessidade da teoria, que elucida instrumentos e esquemas para a análise dos estagiários nas observações e em suas futuras práticas.

A prática educativa se relaciona com a preparação profissional nas escolas no que diz respeito ao ensino acadêmico, apesar de que não se trata aqui sobre ele, no entanto, é a partir do ensino superior que podemos fazer várias reflexões, inclusive históricas sobre o cotidiano das pessoas, principalmente na sala de aula, como futuros historiadores temos a obrigação de nos aprofundarmos através dos fatos históricos e também em relação ao ambiente secundário, afinal: “O historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.” (BLOCH, p.54). Isto implica dizer que a observação do estágio supervisionado é uma pesquisa bem aprofundada sobre as vivências dos professores e dos alunos.

Através do estágio elencamos que se pode superar a separação entre teoria e prática, da qual se aproxima da realidade e atividade teórica, das quais também possibilitou estudos e pesquisas para se ter uma nova compreensão e apreensão concernente ao estágio, dando uma estratégia, um método, uma possibilidade na busca por habilidades para que se possa pensar no futuro, quando for participar do corpo docente de uma escola.

De acordo com estes ensejos, a Doutora Maria Socorro Lucena Lima, em seu artigo, Reflexões sobre o estágio / Prática de ensino na formação de professores, ao fazer uma pesquisa em didática e estágio, pela Universidade Estadual do Ceará UECE, fala sobre as diferentes culturas que se encontram na prática de ensino observadas no estágio e os grandes desafios e contradições das quais envolvem sua operacionalidade, que nem sempre são estudadas e compreendidas por formandos e formadores em seus planejamentos com as escolas, o desenvolvimento e a avaliação de atividades. Isto no período letivo, de modo geral, acaba dificultando, ocasionando descontentamentos e conflitos no decorrer do estágio.

Buscando entender estas questões, a autora procurou recorrer aos conceitos de *campo* e de *habitus*, de Bourdieu, dentro da cultura docente; considerando o campo como espaço de poder, na universidade e na escola encontramos algo bem complexo envolvendo a prática, nas atividades e tensões; concernente à ideia de *habitus*, completa um movimento de interiorização de estruturas exteriores. Com isso, muitas vezes acontecem vários problemas no momento do estágio que são agravados por causa dos próprios estagiários, que não esclarecem a respeito das relações entre as instituições e as pessoas; mesmo assim, a escola

torna-se um espaço para o encontro das culturas advindas dos alunos, dos professores e dos estagiários. Ao trazermos estes estudos, elencando a cultura escolar para o ambiente do estudo superior observamos que há valores, crenças, preocupações, espaço de poder da universidade, qual seria então, o lugar da pesquisa e da docência?

## 1.2 A formação inicial e contínua dos professores no ensino de história

É neste momento em que os estagiários não podem exercer o magistério, pelo qual há uma aprendizagem da profissão de professor, em que também há perspectivas e dificuldades, a partir de então os mesmos têm de compreender os sistemas de ensino e as políticas educacionais, vindo por intermédio do conhecimento e das atividades, para o seu futuro, além disso, um conhecimento teórico-metodológico.

Evidentemente, é de extrema importância os questionamentos sobre os elementos teóricos e as reflexões de cunho pedagógico até para a história. Para a reflexão da prática, estão relacionados com as experiências e possibilidades no processo de mediação junto com os orientadores, mas, diante da real condição das escolas e as suas contradições, há muito pânico por parte dos estagiários, dos quais muitas vezes não vemos experiências. Entre a escrita e o vivido, uma das coisas que eles aprendem é o trabalho específico e reflexivo na ação pedagógica, todavia, os estagiários se encontram muitas vezes inseguros, devido às mudanças e reformas educacionais, inclusive na lei que os rege, que é a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira), que alteram as condições de trabalho, trazendo desmotivação, perda dos direitos, além dos problemas socioeconômicos.

Ainda aparecem outros tipos de dificuldades vistas pelos alunos nas atividades de formação docente, por causa dos hábitos, calendários nas rotinas das universidades e das escolas, que acaba por muito atrapalhar, ocasionando uma não compreensão da própria dinâmica do estágio e sua presença na sala de aula, dificultando também a sua compreensão. Não esquecendo que há outros tipos de embarços, como por exemplo, o fato de alguns professores não deixarem os estagiários sequer observar ou dar aula para adquirirem experiência, embora tal experiência somente se consiga depois da conclusão do curso universitário, na sala de aula. Um ponto importante para o ensino e a aprendizagem nas aspirações dos estagiários, para que então se tornem de fato profissionais docentes.

Num primeiro caso, vemos que o estágio se revela nas características dos projetos pedagógicos do curso, assim como também em história, com objetivos, interesses e preocupações formativas nas tendências pedagógicas orientando, por assim dizer, os

professores e os futuros professores, com conceitos e práticas. Mas, há estudos que mostram as práticas docentes universitárias, por exemplo, marcada pela ideia positivista em que há um conhecimento pronto, transformando o professor na única fonte de informação, no entanto, o professor deve sempre estar atento aos novos métodos de ensino que o façam mais versátil e assim, buscar chamar mais atenção dos alunos em sala de aula. Neste caso é importante fazer menção de que a pesquisa passa para outro viés, da prática de ensino dando novas possibilidades aos novos professores.

É neste aspecto que também vemos as atividades de supervisão no estágio dando possibilidade para a aproximação e distanciamento, partilha de saberes, capacidade, complementação, avaliação, aconselhamento e hipóteses, servindo para solucionar problemas dos quais os estagiários enfrentam. A partir daí o estágio se caracteriza como uma interação que intervencionada pela universidade e pela escola, tendo a finalidade de colher, denunciar os erros, sendo também um lugar de conquista e de negociação.

Com estes questionamentos, percebemos que o estágio é considerado como uma carta de boas vindas para os novos companheiros de profissão, que se integram no projeto de estágio supervisionado.

Sobre esta integração pode entrar os indicativos, para o mantimento dos estagiários nas escolas.

No contexto: Local em que a escola se situa; quanto à chegada: as marcas da sociedade em seu cotidiano; aprofundamento: o diagnóstico da escola, ponto de partida e postura; sobre o projeto-pedagógico: objetivo, quanto ao planejamento escolar, em conjunto; no tocante a dinâmica interativa: encontro/confronto, entre professores da universidade, da escola e seus estagiários, em seus valores e visão de mundo; vida e trabalho dos professores nas escolas: condições de trabalho, jornada, salário, relações com sindicato; sobre os saberes de investigação: elaboração de pequenos projetos de investigação e problematização; escola em movimento: entradas, saídas e outras atividades; aprendizagem sobre a gestão: direção, formação e modos de gestão; origens das verbas e dos recursos; sala de aula: possibilidade, do que se ensina, do que não se aprende; sobre os níveis, turnos, salas especiais de ensino, educação de jovens e adultos; sobre a história da escola: contextualização de sua origem; formas de organização do processo ensino-aprendizagem: currículo, seriação, ciclos, gestão pedagógica; teorias estudadas, nas práticas da escola (PIMENTA, 2004, p.118-119).

Afinal, para que o professor exerça o seu papel, é de extrema importância que haja todo interesse, para o conhecimento do ambiente escolar, desde a sala de aula e os seus alunos, levando em consideração, que toda escola tem o seu projeto pedagógico, com isso deve-se sempre estar observando e utilizando este aparato escolar, além de outras coisas, como as condições de trabalho, por exemplo, que todo professor, e também os futuros professores de história, como observadores, formem as suas próprias maneiras de trabalho,

estudando as teorias cabíveis, e aplicando, em um ambiente, que diga-se de passagem, que é tão importante, para se formar cidadãos, que queiram se envolver com os estudos.

## **2. O ESTÁGIO COMO EXPERIÊNCIA PESSOAL E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIA PARA O FUTURO PROFESSOR DE HISTÓRIA.**

### 2.1 A experiência pessoal diante do estágio

Este é um momento importante na vida dos estudantes de licenciatura, em especial de história, diferentemente do ser na profissão docente, lembramos que nele passamos a nos sentir professores, pois como estudantes podemos observar a partir desta experiência um momento crucial, da qual as universidades permitem esta vivência para a organização do estágio, como bem afirma Zabalza “o estágio estiver bem organizado e se incluírem nele oportunidades de envolvimento pleno dos estudantes” (ZABALZA, 2014, p. 236), aos estagiários haverá um novo posicionamento diante de uma nova situação em suas tarefas, criando então suas próprias características.

#### 2.2.1 Objetivos do estágio na academia

Diante das atividades acadêmicas há um jogo de recursos pessoais, e no que diz respeito ao estágio podemos entender que existem propósitos se diferenciando sempre daquela pressão dos livros e textos, do esforço intelectual, até por que os estudantes se situam em um ambiente totalmente novo, nele poderá observar uma prática a partir desses recursos, dos quais “o estágio exige que o estudante ponha em prática todos os seus recursos, tanto o que sabe quanto o que ele realmente é” (ZABALZA, 2014, p. 237).

Dado o exposto, podemos perceber que se criam particularidades que dependem da vontade e disposição de todos aqueles que estão envolvidos neste período da vida acadêmica, buscando também melhorias no desenvolvimento pessoal da profissão, através de três níveis na formação do futuro professor,

o primeiro nível se centra no que será aprendido, dos conteúdos que as vezes se transformam em resultados as metas concretas que devem ser alcançadas e que aparecem como requisitos para graduar-se; o segundo nível refere-se ao desenvolvimento pessoal e à forma com que cada estudante constrói os significados a partir da própria experiência; o terceiro nível se refere à meta-aprendizagem, a

como cada um chega a identificar e tornar-se consciente do próprio estilo de aprendizagem” (ZABALZA apud GARDINER, 1989, p. 238).

Neste sentido, o estágio acaba se tornando algo especial na formação, estas são condições particulares para o desenvolvimento de cada aluno, especificamente do curso de história.

### 2.2.2 O alcance dos objetivos do estágio e o impacto da disposição pessoal

Evidentemente, os estudantes devem passar por aspectos fundamentais, dentro do estágio, levando em consideração que esta nova situação esta além do espaço acadêmico, devendo sempre reajustar seus horários, expectativas, tarefas e modos de relação, mesmo assim, ainda encontra muita dificuldade.

Portanto, diante do primeiro encontro com a sala de aula, no contexto ainda de práticas e seu desenvolvimento, os próprios estudantes terão a sua maneira de agir, pois é fundamental o fato de que haja aprendizagem em meio à experiência, de forma qualitativa, em que cada um deve possuir e utilizar, de maneira geral para isso, cabe-nos salientar, que há:

Atitude ou capacidade para envolver-se em experiências concretas (...). Estar disposto a participar nas ações postas na prática. Superar a reticência, os temores, a tendência a ficar como mero observador; Atitude ou capacidade de observação reflexiva. Adquirida antes de se envolver em uma experiência (...). Para observar e para gerir de forma reflexiva e crítica os dados obtidos; Atitudes ou capacidade de conceituação abstrata. (...) Capacidade de manipular documentação pertinente para criar conceitos e para integrar suas próprias percepções em estruturas teóricas; Atitude ou capacidade de experimentação ativa. Faz parte do processo de salto da experiência concreto, que se vivenciou em outras situações (...), para entrever as possibilidades de aplicação e uso dos resultados da experiência em outros contextos (ZABALZA, 2014, p. 242).

Para mostrar a análise do grau de preparação em que os estudantes farão, para assumir de modo mais concreto um estágio absorvendo o máximo de informação, com o objetivo de ser um futuro professor e sabendo como funciona todo o sistema educacional.

Mas ele ainda passa por um aspecto bem significativo, que consideramos como um componente emocional e de autoconhecimento que chama a atenção dos estudantes, importante para alguns projetos curriculares, permitindo o contato com a realidade e fazendo-lhes aprender na prática as atividades teóricas, formando uma identidade, “que se desenvolve na universidade (...) coma identidade profissional que demanda os contextos de prática. (...) Os estudantes podem tirar conclusões sobre a pertinência de suas expectativas” (ZABALZA, 2014, p. 243).

Depreende-se que há também um compromisso com a dimensão axiológica, ou seja, com os estudos dos valores da moral, para chamar a atenção de todos nós como estudantes, seja qual for à área de conhecimento das licenciaturas, a fim de que tenhamos um compromisso ético através de uma deontologia, agindo assim de uma maneira bastante séria diante de todos que compõem o ensino e observando os seguintes aspectos: manter a confidencialidade de todos os dados das pessoas relacionadas, de forma direta ou indireta, não utilizar materiais ou metodologias próprias sem contar com a autorização, adotar medidas sanitárias preventivas, assistir a todas as sessões de trabalho prático, respeitar o ideário e a normativa do centro que está estagiando e cumprir com as orientações ditas pela coordenação do estágio. Estas segundo Zabalza, “são propostas como compromisso formal, um documento (...), a entregar aos supervisores universitários” (ZABALZA, 2014, p. 245).

Mais importante que o primeiro encontro com o âmbito deontológico no qual deve mover-se o trabalho profissional, (...), é a oportunidade que o estágio oferece para ir assumindo responsabilidades progressivas no contexto profissional onde se realizam as práticas (...). Assumir compromissos pessoais. Trata-se de uma qualidade importante das boas práticas (ZABALZA, 2014, p. 245-246).

Uma terceira consideração com o compromisso se relaciona com a possibilidade de se orientar, principalmente nas perspectivas dos problemas sociais e institucionais do ambiente educacional do país e dos alunos, por exemplo, dando, portanto condição para o seu próprio trabalho, por isso que as instituições e coordenadores se importam com o desenvolvimento de seus alunos, colocando em prática valores e atitudes nos exercícios da academia, no contexto social multicultural e com um projeto profissional, há consideração por uma pedagogia acadêmica para dar suporte num momento tão crucial que é o estágio, a qual vai muito além das técnicas e se vinculam ao desenvolvimento social.

Nessa perspectiva, o estágio é uma grande oportunidade para quebrar as tensões que as universidades exercem sobre o seu corpo discente, tirando as aulas, os livros e seus laboratórios. Isto implica dizer que, se a academia se compromete com o mundo social, o estágio se vincula com a necessidade social e com o projeto do conhecimento prático, desenvolvido na comunidade, adentrando também na qualidade de vida.

## 2.2 O professor e a construção de competências, na iniciação profissional dos estagiários

Acredita-se que, somente após adquirir um nível satisfatório de conhecimentos teóricos na área escolhida, os alunos mestres estarão preparados para aplicar o que aprenderam na sala de aula, executando uma transformação linear e não problemática. Sob esse prisma, cabe à universidade formar bons acadêmicos, quando muito como uma visão geral da didática (BOCCHESI, 2001, p. 25).

Podemos observar que o conhecimento teórico adquirido ao longo da vida acadêmica, mesmo que seja imprescindível, tem que ser mobilizada, integrada e utilizada, de forma rápida e segura para que venha a ser aplicada no estágio, cuja finalidade é de se voltar para a construção de competências, muito importante para os alunos, que deve ser também o objetivo do professor que porventura, venha a orientar os seus alunos, principalmente no planejamento das aulas.

Considerando que com essa preparação, há várias possibilidades, de, por exemplo, debater os assuntos com os seus alunos nas escolas de aula, com eficácia e competência, para que tanto os professores universitários, o aluno-mestre, o estudante secundarista consigam mergulhar no dinamismo prático e saber o que fazer no tocante aos desafios que lhes são apresentados, por isso ambos devem, “agir eficazmente em um determinado tipo de situação” apoiados “em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”. (BOCCHESE apud PERRENOUD, 1999, p. 7).

A competência é organizadora da relação entre conhecer e agir. Para constituir-se não prescinde da dimensão de prática ou ação a fim de que (...), sejam mobilizados os afetos e as intuições envolvidos na atividade prática e os valores necessários à tomada de decisão para agir (BOCCHESE apud MELLO, 1999, p. 3).

Ser competente nesta situação, é, diga-se de passagem, observar a pertinência das ações tendo autoconsciência defronte a situação e também aos propósitos, que porventura esteja em mente.

Competência é saber em uso, resultante da conjunção de saberes teóricos, processuais e práticos, formando ‘uma totalidade complexa e móvel, mas também estruturada e operatória, no sentido de ajustar-se à ação suas diferentes ocorrências; uma realidade substitutiva no seio do qual os diversos tipos de saber se substituem uns aos outros à mercê sucessivas da atividade (BOCCHESE apud MALGRAIVE, 1995, p. 87).

Ressaltando o caráter do saber em uso acrescenta-se a dimensão ética, ainda mais importante para poder humanizar a inovação, não de apenas fazer, mas de saber fazer, nossa relação com a sociedade e a natureza, através das oportunidades. Nesta verdadeira competência há qualidade formal, na inovação do conhecimento, e a qualidade política, referindo-se a intervenção ética e construindo a cidadania.

É preciso ter uma visão mais flexível e abrangente de competência, desde a mais simples capacidade na interação dos pensamentos, até o compromisso profissional. Mas

também é necessário “mostrar como o saber escolar se investe na prática”. (BOCCHESI apud MALGLAIVE, 1995, p.40), e ainda se confundir com conhecimento teórico.

Esta mesma competência também vai muito além do conhecimento, não se adquire a partir de conhecimentos suplementares, gerais ou locais, no entanto é preciso ter um conjunto de disposição e de esquemas mobilizando o conhecimento. Ademais, a formação nos cursos de licenciatura reproduz-se para atender aos requisitos de qualidade formal e política.

Para que também haja um inventário de competência, em que os estudantes somente construirão quando confrontarem-se com os problemas mais realistas, em relação aos seus alunos.

Neste caso é *mister* que seja dada oportunidades para que os futuros mestres quebrem suas cabeças no planejamento e execução dos projetos de ensino e nas situações de práticas sociais, entretanto, também podem ser de ordem teórica, de forma mais ampla ou especificamente, refletindo a necessidade docente, avaliando vantagens e desvantagens, considerando o contexto e o desenvolvimento prático em seu profissionalismo.

Portanto, a formação do professor, deve ter construção de competência, desenvolvendo suas atividades de acordo com o método/abordagem, pelo qual muitas vezes não há compreensão, por que,

O curso universitário, (...) não tem conseguido oferecer vivências alternativas capazes de alterar significativamente essas representações. Porque o distanciamento entre as disciplinas teóricas e práticas só faz reforçar a ideia de que os conhecimentos adquiridos nas aulas das disciplinas específicas de cada licenciatura de nada servem ao futuro professor, tendo ele constatado, que a transferência linear dos conhecimentos teóricos (...), não funciona” (BOCCHESI, 2001, p.36).

Eis a necessidade para os professores, e também para os futuros professores, diante da realização da ideia de construção de competências, que o trabalho prático lhes propicie vivências capazes de modificar esta representação, como diz também Sandra Pesavento, que “tais representações formam paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e para elas”, (PESAVENTO, 2003, p. 39); pois este é lugar do professor, onde ele também aprende a ser competente, com a prática do ensino; porquanto, os futuros mestres só poderão desenvolver o seu trabalho através da mudança de metodologia, valorizando o seu pensamento em relação ao seu futuro aluno.

Assim sendo, essa prática é também autônoma e intelectual na produção do saber e do saber fazer, dentro de uma atividade reflexiva sustentada pelo orientador, aliás, cada professor tem a sua metodologia de ensino, e em se tratando das representações, podemos entender que a representação imbricada ao ensino, possibilita mudanças na sociedade a partir

da escola, se porventura, ainda tiver alguém com o interesse em estudar. Afinal, a competência direcionada ao professor, na realidade não é tarefa fácil.

### **3 A FORMAÇÃO HISTÓRICA, OS EFEITOS DE SENTIDO E A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.**

#### **3.1 Tendências históricas para a formação docente**

Qual tem sido a tendência histórica observada desde que o professor passou a ser formado pelo ensino superior? Houve na prática mudança significativa que determinasse direções diferentes? Que papel a 'prática do ensino' tem ocupado nesse processo? (SILVA apud NADAI, 1985, p.5).

A partir destes questionamentos, é observado sobre a necessidade de mudanças significativas no papel da prática de ensino de história, principalmente no atendimento das demandas das escolas e também de suas mudanças. É perceptível também, que tanto a prática de ensino envolvendo o estágio, quanto a sua conjuntura histórica são outras, se compararmos com as mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais, diante das desigualdades passadas, principalmente na ditadura militar aqui no Brasil, neste sentido a uma preocupação e um compromisso com a emancipação da formação docente, mas tem se desgastado muito devido os embates políticos; mesmo assim, estas questões reforçam o investimento, respeitando também as diferenças, considerando a capacidade dos sujeitos para resistirem e lutarem pela causa, afinal o ensino de história é muito importante para a vida das pessoas. Para responder essas questões percebemos que,

O caminho mais confortável (...), seria insistir na demarcação de diferenças em relação em relação ao lugar ocupado pelas práticas de ensino nos estágios hoje em relação àquele do passado. (...) Na década de 1980 já colocava limites e estabelecia diferenças em relação à racionalidade técnica que fazia parte da proposta de formação docente (SILVA, 2015, p.165).

No entanto, esta racionalidade técnica da suporta a uma tradição acadêmica de formação para o professor, fica restrita à observação da prática, vistos a partir dos estudos sobre os estágios. Esta dimensão prática existe junta ao relacionamento com procedimentos e técnicas vindas desde o início do século XIX, mas o estágio só foi inserido no currículo, em meados de 1930. “Na década de 1940, por força de lei, foram criados os Ginásios de aplicação. Determinava-se a partir de então que os alunos do 4º ano dos cursos de licenciatura recebessem (...) a formação didática, teórica, e prática”. (SILVA, 2015, p.166).

Essas mudanças das licenciaturas no Brasil só vieram à tona com o movimento internacional nas primeiras décadas do século XXI, contudo, a muito ainda da tradição acadêmica e um grande desafio epistemológico para a formação do professor e para ter um rompimento com essa tradição, é preciso ligar a pesquisa ao estágio, haja vista que a problematização e a investigação da prática com a teoria é essencial.

É preciso incorporar e entender as formas e as funções do conhecimento histórico na vida das pessoas a partir da didática histórica, a qual não estuda somente a realidade escolar, mas os processos e funções da consciência histórica, fazendo que o professor seja,

Um intelectual capaz de identificar os quadros de consciência histórica subjacentes aos sujeitos do processo educativo (...) e de assessorar a comunidade na compreensão crítica do tempo, da identidade e da ação na história (...), procurando (...) aproximação entre a teoria da história em processo didático e a prática cotidiana do ensino (CERRI, 2011, p.18).

O interesse então é menos centrado na racionalidade histórica e mais na história vivida, para que haja melhor compreensão, principalmente o estágio supervisionado e a observação, ela que é uma portadora de sentido da própria formação docente.

### 3.2 Efeitos de sentido e narrativas, no estágio supervisionado

No estágio observamos que o primeiro contato com a sala de aula, quando o próprio estudante se encontra na condição de futuro professor, também bastante difuso, devido aos medos enfrentados, os desafios e desconfortos, seu desenvolvimento vem a partir das experiências na condição de sujeitos, para que em seguida, com a formação docente, venha a tornar-se como categoria didática.

Segundo a análise de Rüsen, “para quem a formação histórica significa o conjunto das competências necessárias para que o sujeito possa interpretar o mundo e a si próprio” (SILVA apud RÜSEN, 2007, p.87), diretamente ligado ao saber na capacidade de apreender os contextos pelos quais há formação especial, e compreendendo, nos mais diversos e complexos contextos da vida, em que a consciência histórica, conceito que será abordado em seguida, desenvolve um papel importante na sociedade.

Também no período de observação reconhecido na sala de aula, que é uma etapa portadora de sentido, mas sendo um espaço singular e ao mesmo tempo complexo,

porque reuni expectativas diversas que nem sempre se relacionam estritamente com o ensino-aprendizagem formal. (...) Caracterizado especialmente por interações e

relações sociais (...) evidenciam tensões, hierarquias, preconceitos diversos, embates regidos por regras que estabelecem e fixam posições de sujeito (SILVA, 2015, p.175).

Portanto, todos os estagiários são orientados desde os textos até as discussões em sala de aula, para ter o cuidado de não somente julgar a prática docente e as situações, mas também com a possibilidade de escrever sobre si, no embate com as suas expectativas. Como, por exemplo, na crítica aos professores para diferenciar a suas práticas em uma nova e melhor forma de ensinar.

Estes registros dos estudantes são apropriados e tomados como efeitos de sentido e efeitos de presente, para que haja sustentação daquilo, que porventura ele venha a questionar e apreender diante da observação nos estágios supervisionados que estão presentes em sua narrativa e experiência de vida. Narrativa esta, atribuída a Paul Ricoeur, como uma “síntese do heterogêneo”, uma “nova congruência no agenciamento” (SILVA apud RICOEUR, 2010), esta narrativa é uma articulação temporal da ação.

A partir de então, com a organização das observações pela escrita, os estudantes dão sentido a sua identidade, como futuros professores e historiadores, conferindo existência, dimensão aos seus saberes e poder aos seus discursos sem que haja algum temor; por que, “O discurso está na ordem das leis, que há muito tempo se cuida de sua aparição: que lhe foi preparado um lugar de honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém” (FOUCAULT, 2014, p. 7).

Estes relatórios levam a muitos questionamentos dos alunos, dos professores e dos professores das escolas, abrindo espaço para interpretação e o pensamento da vivência, criando narrativas, buscando uma junção entre expectativas na vida dos estudantes e suas observações a fim de se tornar futuros professores, mantendo a relação da linguagem com o visível, na formação histórica; estas narrativas possibilitam interrogar o espaço sociocultural, com os outros grupos e temporalidades mais amplas.

### 3.3 Estágio supervisionado e a consciência histórica

Antes de nos determos nos questionamentos que dizem respeito ao estágio supervisionado, é preciso levar em consideração a abordagem da consciência histórica que está diretamente atrelada à existência do pensamento. Um processo de modernização da vida humana, principalmente dentro do âmbito cultural, que também rompeu com a dimensão tradicional positivista. É então um fenômeno humano de reflexão histórica e social, que “não

é entendida como disciplina ou área especializada do conhecimento, mas como toda produção do conhecimento que envolva indivíduos ou coletividades em função do tempo” (CERRI, 2011, p. 28), ou seja, dentro da consciência histórica, há um processo em que o passado é interpretado através do presente na expectativa do futuro, adentrando também na historicidade, que é a própria condição da existência humana arraigada ao mundo vital.

Diante dessa formação de cidadania é que vamos perceber o ensino de história reproduzindo a identidade nacional, o qual atravessou os séculos XIX-XXI, se vinculando a um contexto de expansão do ensino público, principalmente com o ensino de história, na produção liberal e iluminista marcado na sua origem, da qual muitos intelectuais desconhecem os fatos nas pesquisas; evidentemente, estes exemplos, fazem com que “o ensino de história contribua de modo decisivo para a formação do cidadão em nossas sociedades”. (CERRI, 2011, p. 106), portanto, o trabalho da história, que era de nacionalizar, passou a sofrer várias mudanças a partir da democracia, afastando as questões tradicionais positivistas.

### 3.3.1 Para que ensinar história?

É preciso atentar-se quanto às observações de estágio supervisionado do ensino de história nas universidades e nas escolas de ensino básico, pois muitos países têm passado pelo processo de modernidade, e segundo Luís Fernando Cerri (2011) “já vivemos as vantagens e as agruras dos efeitos das teses da pós-modernidade (...) marcado pelas identidades fluidas”, nas mudanças de ordem hierárquica, segundo Stuart Hall (1999), “sujeito pós-moderno, é marcado pela fluidez e interpenetração entre diversos pertencimentos e condições, o que nubla a identidade coletiva, cada vez mais fragmentada”, e, portanto, todos acabam olhando para si mesmos nas lutas pessoais, deixando de lado as questões sociais. Qual é então a aprendizagem escolar da história? Como formar a identidade do aluno de maneira global e nacional? Uma tarefa bastante complicada para o professor de história, muito mais ainda para os estudantes de licenciatura, que procura entender o ambiente escolar de acordo com os vários campos teóricos da história.

Do ponto de vista da consciência histórica, essas questões são naturais. (...) Porque recolocam o ensino escolar de história na sua dimensão real. (...) O livro parte da ideia fundamental da distância e convivência conflitiva entre história escolar e história como disciplina que busca alcançar o conhecimento científico do passado (CERRI, 2011, p. 110).

Este acaba entrando no contexto de discussões nas identidades políticas e subjetivas, de modo geral em todos os aspectos da vida, a exemplo, dos países que saíram do socialismo, os quais tem uma experiência própria em relação ao conteúdo e ao sentido de sua educação histórica escolar, mas a história escolar teria perdido seu convencimento em seus recursos, com a disputa da formação da identidade diante do debate político.

O conceito de consciência histórica entende que a interpretação do próprio indivíduo e da coletividade no tempo começa a ser formada muito antes da escolarização da criança. Estas chegam às escolas, com preconceitos raciais já arraigados, de modo que é muito mais fácil que a educação humanista e igualitária seja mais um verniz que uma convicção dos futuros adultos educados (CERRI, 2011, p.112).

Considerando essa prática da qual o estudante do curso de história no momento das observações, e por que não mencionar também as regências no estágio supervisionado, se evidencia o que se pode chamar de identidades não razoáveis, tendo relação com o ponto de vista racionalista criando estereótipos, não está num plano cartesiano, tampouco racionalista, entretanto ela está relacionada ao diálogo, evitando as indiferenças, mas são razoáveis as identidades sustentadas no destrutivo que despreza a democracia, a integridade física da vida, segundo Luís Fernando Cerri (2011).

Para que não aconteçam estas questões, todo professor tem que ver a possibilidade de ensinar, e os estudantes devem observar que,

Em sociedades que ainda não resolveram suas questões fundamentais de distribuição de renda, adesão consciente dos cidadãos a um projeto minimamente consensual de não para o futuro imediato e o mais distante, o ensino da história contribui para a manutenção mínima da coesão social se consegue dialogar com as ideias tácitas da população da qual o aluno vem (CERRI, 2011, p.115).

Pois, no que concernem as observações de estágio observamos que a história se liga com a instrumentalização cognitiva dos saberes e fazeres históricos do aluno, é necessário que saibamos disso, por que o historiador preocupa-se de fato com a origem da informação para dar suporte ao seu aluno, seu acontecimento, possibilitando outras opiniões.

Se o trabalho da história não formar uma consciência histórica dos alunos, não dando conta dessas questões, terá que ampliar as formas de atribuição de tempo dos alunos, afinal de contas, este é o trabalho do professor de história; certamente, por que, “a relação entre a disciplina científica da história, e a vida prática é intrínseca, e (...) atravessam os campos da vida e da e da ciência especificada” (CERRI apud RÜSEN, 1989, p.118), entendemos que a história é um resultado prático, na vida dos alunos.

Por isso, que a disciplina de história é totalmente e socialmente planejada, através de um conjunto de conhecimentos, passados desde os professores das universidades, para os estagiários, para os professores nas escolas e para seus alunos; dessa forma a consciência histórica “é pré-requisito que faz a mediação entre a moral, a nossa ação, nossa personalidade e nossas orientações valorativas” (CERRI apud RÜSEN, 1992, p. 120). Assim é possível utilizar os conhecimentos históricos adquiridos e organizados para estabelecer uma ação pessoal.

### 3.3.2 Observação dos conteúdos a partir do Estágio Supervisionado

O papel da história ensinada, visto a partir dos estágios aponta para os conceitos de consciência histórica e competência narrativa, para relaciona-los ao debate de estudar história e seus conteúdos, no tocante aos currículos escolares. No entanto,

As reformas educacionais que foram implantadas com diferentes ritmos e intensidades nos países da América do Sul nos anos 1990 eram portadores de vários problemas e itens discutíveis. No Brasil essas propostas, (...) estiveram na base dos parâmetros curriculares nacionais (CERRI, 2011, p.125).

Mesmo com esta desvantagem, o ensino de história na escola contribui não somente com a compreensão da realidade, mas com a compreensão da diferença, da alteridade, que é fundamental para a apreensão do passado, considerando o que não aconteceu, os projetos dos vencidos e a ideia de mundo na história. Portanto, a consciência histórica é formada também de grande intencionalidade nas decisões e nas ações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado é importante na vida acadêmica e na formação do professor, bem como as vicissitudes dos relatórios do estágio, dos quais podemos verificar uma preocupação em evidenciar os questionamentos, diante do desenvolvimento do estágio.

Podemos perceber que o ambiente escolar é lugar propício para o estudante se lançar e ter vontade de aprender, mesmo que a medida do possível, até por que em se tratando de experiência, só se consegue realmente com o término da graduação e com a vivência na sala de aula.

É fato que muitos não querem passar por essa experiência pelo simples motivo de sentir medo ou até insegurança devido à própria escola não ceder espaço, principalmente no período da vida tão importante, que é o estágio supervisionado. Observa-se a vida difícil que os professores levam, devido à falta de valorização dos professores no mercado de trabalho, uma realidade ainda existente em nosso país, além disso, os estudantes não sentem segurança com a falta de políticas públicas na educação.

Mas o que um professor ou estagiário devem ter em mente, é o fato de buscar sempre a melhoria no aspecto teórico para obter competência no ensino de história, já que nós tratamos das observações no ensino histórico, é imprescindível o fato de buscar sempre teorias históricas para dar suporte à vida prática do ensino em sala de aula, fitando em um compromisso metodológico, também pessoal que possa levar para toda vida. Todas estas questões ressaltam o caráter do saber acrescentado à ética, por isso que o professor deve procurar ser competente para o domínio de sua disciplina, em história funciona da mesma maneira.

No que se refere ao ensino de história, é preciso haver mudanças significativas no papel do ensino, de modo que envolva o estágio através de uma didática para lecionar, sem estes aspectos os estagiários não teriam onde encontrar nenhum respaldo teórico ou prático, causando um efeito de sentido que só encontraram por meio dos relatórios e assim ficam totalmente assegurados em relação as suas vivências, nesse período.

A partir de então, percebe-se que os estagiários também adquirem uma consciência histórica, como aqueles que já têm experiência; isso é outro tipo de preocupação que ambos devem ter primeiro obtê-la, depois procurar ajudar seus alunos neste sentido. Algo que é também imprescindível para ambos, tentar trazer à tona o conceito de consciência histórica dos alunos, que muitas vezes não se importam com esta evidência, pois o conteúdo de história

nos remete a uma reflexão do passado para trazer ao presente e analisar e assim dá uma perspectiva para o futuro.

## **ABSTRACT**

The present work aims to discuss the process of observation / teaching practice, supervised in the course of History. In this way, we bring to this discussion reflections about the teacher's practice, as well as a reflection about the construction of competence, for the history professional who is in his formation process, discussing and analyzing the effects of meaning and historical consciousness, questions that They make us reflect as future educators, in order to seek improvements for the teaching of history, with new methodologies, which support the practice of the teaching in question, taking into account the opportunities, concerning historical consciousness, their lives and Their future students. This study is based on Bocchese (2010), Cerri (2011), Lima (2008), Pesavento (2003), Pimenta (2004), Silva (2015), Zabalza (2014)), among others. The methodological proposal is a bibliographic study about the subject, analyzing and discussing the teaching practice of the history teacher.

**Keywords:** Supervised Internship. Note. Experience and competence. Historical Consciousness.

## REFERÊNCIAS

BOCCHESI, Jocelyne da Cunha. **O professor e a construção de competência**, In: **Ser professor** / Délcia enricone, (ogr). 2 ed. Porta Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e consciência histórica** / Luís Fernando Cerri. – Rio de Janeiro: FGV, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem dos discursos no collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970** / Michel Foucault; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 24. Ed. – São Paulo: Loyola, 2014.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Reflexões sobre o estágio / prática de ensino na formação de professores**, UECE. 2008.

PESAVENTO, Sandra Pesavento. **História & História Cultural**. - Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**. Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima. Cortez. 5ª ed. São Paulo. 2004.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **Por Uma História Prazerosa e Consequente**. In: KARNAL, Leandro. (Org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. Ed. São Paulo: Contexto. 2009. Parte I. Abordagens, p.17- 36.

SILVA, Cristiane Bereta da. **Formação e Narrativas: efeitos de sentido sobre o ensino de história e o espaço escolar no estágio supervisionado.** In: **O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado** / Orgs Helena Rocha, Marcelo Magalhães, Rebeca Gontijo, - Rio de Janeiro: FGV. 2015.

ZABALZA, Miguel A. **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária** / Miguel A. Zabalza – 1. Ed. – São Paulo: Cortez 2014.